

BOMANI, ELIMU E MADIHA¹: ÊXITOS NA ESCOLA APESAR DO RACISMO.

Elizete Dias da Silva, Mestre em Educação – UFPI.
Francis Musa Boakari, PhD – UFPI.

RESUMO

INTRODUÇÃO - Nosso trabalho faz parte da pesquisa realizada com a intenção de conhecer melhor uma comunidade, denominada Cancela, cuja população é de maioria afrodescendente. **METODOLOGIA** – trata-se de pesquisa qualitativa em que foi usada como instrumento de coleta de dados a entrevista não estruturada com três pessoas, tendo como guia um roteiro com quatro temas: origem da Comunidade; afrodescendência; racismo/discriminação e educação. **RESULTADOS** – as pessoas entrevistadas relataram que a comunidade é oriunda de antepassados que foram escravizados e, portanto, são afrodescendentes; têm percepção de serem discriminados por serem descendentes de negros e pertencerem à Cancela. Nossos colaboradores têm histórico de bom êxito nos estudos, apesar de relatos de discriminação vividos na escola. **CONCLUSÃO** – as relações etnicorraciais precisam ser assumidas no currículo e no cotidiano da escola para que situações semelhantes sejam superadas e a escola desempenhe sua função social de formar cidadãos e cidadãs brasileiros. Indicamos a adoção da Pedagogia Interétnica e ou a Pedagogia da Diferença.

PALAVRAS-CHAVE: Afrodescendência. Racismo. Educação.

I-INTRODUÇÃO

¹ Nomes fictícios atribuídos às pessoas colaboradoras da pesquisa; de origem africana em homenagem aos povos africanos. Bomani significa Um guerreiro: origem, Ngoni: país: Malauí; região: África do Sul. Elimu: significa Conhecimento; origem Suahili; país: Quênia-Tanzânia; região: África Oriental. Madiha: significa Merecedora de elogio; origem: Suahili; país: Quênia-Tanzânia; região: África Oriental. Disponível <<http://www.nomesafricanos.xpg.com.br/>> Acessado em 21/09/2011. Suarili foi corrigido por Suahili pelo professor Francis Musa Boakari.

Nosso trabalho foi realizado com a intenção de conhecer melhor uma comunidade, denominada Cancela, cuja população é de maioria afrodescendente. Buscamos identificar as concepções étnicorraciais que permeiam a vida desses moradores. Tudo indica que Cancela é uma comunidade com propósitos socioculturais, com uma história particular; formada por indivíduos sujeitos das significações aqui apresentadas. Considerando sempre o conhecimento como meio para diversas finalidades, acreditamos que esta pesquisa também servirá como ocasião para a população da Cancela ser ouvida bem como colaborar para sua organização enquanto comunidade, através das descobertas dos seus valores. Servirá ainda como forma de conhecer suas aspirações e, conseqüentemente, sua articulação para viabilizá-las. Enfim, conhecer as experiências de vida dessas pessoas, relacionando-as com a percepção da questão racial no Brasil, a partir do lugar em que residem: zona rural de Teresina, a 30 km do centro, às margens da estrada estadual PI 113, que faz ligação entre a Capital e a cidade de José de Freitas. Estas são tarefas que movimentam este empreendimento científico.

Partimos de argumentos de que o Brasil é racista, conforme autores como André (2007); Bento (2009); Boakari (1994; 1999; 2006; 2011); Cavalleiro (2000); Cunha Jr. (2006); D'Adesky (2001); Gomes (2008); Guimarães (2004); Hasenbalg (1979); Lopes (2007; 2008); Moura (1988a); Munanga (2003; 2005) Abdias Nascimento (1978); Francisca Nascimento (1999); Risério (2007); Santos (2007); Silva (2011 a, b); Souza (1983). Questionamos ainda a chamada “democracia racial”, quer seja pela própria experiência de sermos afrodescendentes, quer seja pelos índices socioeconômicos e educacionais que mostram as diferenças entre brasileiras (os) de origens africana e europeia, conforme os dados do IBGE – PNAD (2009). Esses dados indicam, por exemplo, que no campo da educação, enquanto membros do primeiro grupo estão pouco representados entre os que têm maior escolaridade e, por conseguinte, maior poder aquisitivo; os do segundo grupo constituem a maior parte dos brasileiros com maior número de anos de estudos e participam das esferas de comando do país.

Diante de tais desigualdades que possibilitam no mesmo país a existência de cidadãos e uma maioria de “não cidadãos”, a atual Constituição Federal, a mais cidadã na história da nação, promulgada em 1988, assegura a igualdade perante a Lei, conforme se lê no Art. 5º “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer

natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. Todavia, existe um distanciamento entre o texto da lei ou concretude do conteúdo da lei e a realidade, sobretudo no tocante à igualdade de oportunidades, pois estas definem as brasileiras e os brasileiros bem-sucedidos ou não. Há comunidades que ainda não são plenamente cidadãs e a promulgação da Lei 12.288, o Estatuto da Igualdade Racial, de 20 de julho de 2010 atesta esta realidade, como se pode ler no Art. 1º:

Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

O País tem as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que alteram o artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatório o ensino da História e cultura africana, afrobrasileira e indígena, como podemos conferir:

A Lei 10.639 e, posteriormente, a Lei 11.645, que dá a mesma orientação quanto à temática indígena, não são apenas instrumentos de orientação para o combate à discriminação. São também Leis afirmativas, no sentido de que reconhecem a escola como lugar da formação de cidadãos e afirmam a relevância de a escola promover a necessária valorização das matrizes culturais que fizeram do Brasil o país rico, múltiplo e plural que somos. (Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana, (s/d), p. 2).

As comunidades afrodescendentes e indígenas precisam ser beneficiadas pelo conhecimento das suas raízes histórico-culturais e a escola precisa se voltar para estas comunidades para não ficar alheia à realidade étnico e sociocultural brasileira. Há de se fazer um caminho de aproximação e valorização das comunidades e, conseqüentemente, do alunado oriundo destes segmentos. O conjunto das Leis evidencia a necessidade de uma busca de controle e combate à situação discriminatória em que se encontram as populações negras ou afrodescendentes e as comunidades indígenas; ambas, historicamente, discriminadas pelos colonizadores, escravizadas, expropriadas da sua dignidade de seres humanos. Numa sociedade racista como o Brasil, podemos esperar práticas educativas que sejam inclusivas? A escola pode contribuir para que o país seja verdadeiramente democrático?

Temos legislação que criminaliza o racismo e suas práticas, Lei 1390/51 de 03 de julho de 1951, mais conhecida como Lei Afonso Arinos. A Lei 7.716/89, de 05 de janeiro de 1989, mais conhecida como Lei CAÓ, que tipifica o crime de racismo, atualizando a Lei Afonso Arinos. A Constituição Federal de 1988, que provocou alteração nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996, no seu artigo 26, através das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008; além da Lei 12.288/2010 que instituiu o Estatuto da Igualdade Racial. No entanto, a dimensão jurídica não elimina as manifestações do racismo, podendo, inclusive, favorecer seu mascaramento. Não há proibição explícita da presença da população negra em nenhum lugar; entretanto, outros mecanismos como a indiferença, o silenciamento são eficientes para tornar invisíveis os afrodescendentes, mantendo-os afastados do acesso às oportunidades para exercerem a cidadania plena. Esta realidade evidencia um problema para o povo brasileiro, independentemente de cor ou da raça, trata-se de assunto nacional e como tal deve ser tratado, porque atinge a maioria da população brasileira (IBGE, 2010); porque também o racismo é negado no discurso, mas praticado, diuturnamente, pela sociedade; ainda podemos sinalizar a falta de reconhecimento da população afrodescendente como elemento constituinte da cultura e história brasileiras, carecendo da cidadania plena.

Desse modo, perguntamos: como uma comunidade rural de afrodescendentes percebe a sua realidade etnicorracial e a situação da sua localidade nas suas especificidades etnicorraciais e do país em geral? Quais as suas experiências de vida? E o que a escola tem com isso? A escola que atende as crianças da Cancela o que faz para viabilizar experiências positivas às brasileiras(os) neste espaço sociocultural?

Utilizamos a entrevista não estruturada para ouvir as pessoas colaboradoras, tendo um roteiro com quatro temas como guia. Vejamos o que nossos entrevistados responderam para cada tema:

1 Origens da Comunidade

Com este tema queríamos saber a história do lugar; possíveis nomes de pessoas destacados pelos moradores e moradoras, lendas, episódios significativos. Vejamos o que as pessoas entrevistadas relataram sobre as origens da Cancela:

Bomani, nome que significa “um guerreiro”, pratica Taekwondo, tem 14 anos, comentou:

Aqui era muito mato. Ai veio meu avô e outras pessoas antigas que já morreram. As pessoas gostavam muito de caçar; hoje, já não caçam porque sabem que é proibido. Eram pessoas brancas, pardas e morenas. Meu avô um cara forte, branco que tinha gado. Tinha também seu Joaquim Preto que era descendente de índio chegou e pediu um pedacinho de terreno pra

morar. Tem ainda também seu Antônio Damião; seu Maximiano, que também é antigo aqui. Eram negros, descendentes de ex-escravo, tinha também índio. Acho que antes deles mesmo poderia ter escravos aqui, eu acho.

Elimu, que significa “conhecimento”, com 33 anos de idade, afirmou: “Meu bisavô chegou primeiro aqui e fez casa. Aqui tinha quilombo; meu avô contou. Mas a senhora não vai encontrar ninguém que se diga descendente desse povo”.

Sobre as origens da Comunidade, Madiha, nome que significa “merecedora de elogios” falou:

Bom, sei assim que quando tudo começou aqui era só Santa Teresa; depois foi dividido por nomes e ficou cancela porque tinha muitas cancelas por aqui porque dividia terrenos em que se fazia criatório de gado essas coisas e faziam roças; pros bichos não passarem colocavam muitas cancelas e por isso ficou. Tinha os antepassados. Tinha a parteira daqui que era Mãe Adebola, era uma senhora que também trabalhava a religiosidade do povo, né? Com Terços, que eu saiba aqui não existia missa e só era Terço; a fé do povo se reunia para escutar a Palavra de Deus era só o Terço. Fazia de vários santos Nossa Senhora do Carmo, Divino Espírito Santo. Isso eram os antepassados e os descendentes pegaram esse costume de celebrar Terço, que isso acontece até hoje. A participação do povo daqui, hoje, se for pra uma missa são muito poucos, mas se for um Terço dar muita gente. Inclusive aqui são celebrados vários santos Nossa Senhora do Carmo como já falei; São Francisco, São Raimundo Nonato... Aqui são celebrados vários santos, inclusive amanhã vai ter aqui do lado São Francisco, que já foi muito mais bem festejado. Aqui em casa a gente festeja Santa Luzia. Cada família tem um santo pra celebrar, convida a comunidade, faz-se a oração do Terço, cânticos e se oferece um lanche. Antigamente o mais festejado era São Francisco; era quase praticamente feriado, dia de São Francisco; hoje, não existe mais isso. Porque era vários Terços, era uma faixa de dez, seis, oito, porque era terminando numa casa e começando na outra. Todo mundo queria celebrar São Francisco porque aqui nunca teve uma capela. Tinha sim essa senhora, Adebola; Mãe Adebola porque era parteira, trazia muitos filhos ao mundo e educava na fé, era quem mais educava na fé. Sobre quilombo não sei; só sei que tinha um poço pras banda central de Santa Teresa; que tinha uma casa grande, mas não sei contar mais nada. Minha avó materna contava que a mãe dela, quando criança, carregou pedra na cabeça para construir a Igreja São Benedito em Teresina. Não sei se minha bisavó chegou a ser escrava, mas acredito que ela foi descendente.

2 Afrodescendência

Com esse tema gostaríamos de conhecer como nossos colaboradores se autodeclararam quanto ao pertencimento etnicorracial. Vejamos como se declaram:

Bomani diz: “sou pardo; meu avô era branco. Acho que aqui devia ter escravo. Algumas pessoas tem preconceito com relação à Cancela”.

Elimu disse:

Minha cor é negra; preta. Eu gosto de ser negro. Acho que ser negro não é defeito é uma qualidade. Até melhor... Estudando a anatomia humana você vê que o negro tem característica melhor, tem pele mais resistente. Nas questões culturais sempre gostei da capoeira, das coisas do negro. A gente

começou a fazer capoeira com um primo, da minha idade; ele já morreu, era o Dumisai. Ele começou a dar aula no terreiro de casa. Entrar no grupo e praticar por um bom período foi com o contramestre, Dada. A gente começou em Santa Rita e até hoje a gente treina com o Makame, do grupo Matsimela do Brasil. Ele é da Pedra Mole. Hoje, vejo uma oportunidade muito boa. Quando terminar o curso (Educação Física) vou ser graduado em capoeira. Tem outra especialidade que o Bombeiro me deu, o rapel; vou ser especialista em rapel. No bombeiro passei a perceber que a Educação Física estava mais próxima, que eu gostava dela mais que a Medicina. Aqui na Cancela o que a gente tem de mais específico da cultura negra é a descendência. A maioria das pessoas que moram na Cancela são descendentes de negro. Os brancos daqui são poucos, casaram com pessoas daqui, descendentes de negro.

Madiha diz:

Sou negra. Para mim ser negra é orgulho; porque você sabe que o escravo foi muito sofrido, povo esquecido, sem vez, e assim, se sou descendente de escravo e meus antepassados sofreram muito, hoje me sinto feliz porque já há uma conquista; porque se sou descendente também tenho sangue de escravo, quer dizer a gente venceu; mesmo existindo ainda o racismo, os preconceitos mas eu acredito que possa sentir uma vitória; os negros buscavam muito a liberdade pode ter tido antepassado meu que foi escravo mas, hoje, se sou descendente posso dizer também que tenho sangue de negro e sou livre. Sou descendente das duas famílias, Olegário e Sena. Houve erro de cartório e o nome de minha mãe ninguém aqui pegou, porque ela foi registrada só com o nome do pai, Melquíades. Mas tenho o sangue de Olegário porque meu avô era legítimo Olegário e também Sena.

3 Racismo/Discriminação

Sobre esse tema, nosso desejo era tomar conhecer acerca das relações interraciais que as pessoas colaboradoras estabelecem e como elas percebem o tratamento que outros lhes dispõem. Vejamos:

Bomani a princípio negou haver discriminação, mas depois relatou:

Muitas vezes escutei dizerem “nego da Cancela” pras crianças da comunidade lá na Escola Santa Teresa. Acho que a gente não deve fazer muita besteira quando é muito novo, porque depois se arrepende. Porque eu sou aqui da Cancela isso era motivo de chacota. Sim, diziam é da Cancela! E começava a sorrir. Esse negócio de Nego da Cancela, acho assim, porque que antigamente assim, a gente falava uma palavras erradas, a gente não tinha um vocabulário não é muito ótimo, eles ficavam criticando assim, os alunos. Já mudou muito. Hoje, a gente chega na Escola Santa Teresa e os alunos não diz nada, tudo numa boa; é assim que tem que ser; esse preconceito racial assim. Não sofri, porque não ligava pra isso. Um dia eles iriam compreender que isso não levava a nada.

Elimu conta:

Fui muito hostilizado. Aprendi a controlar a agressividade. O pessoal da comunidade sabia que eu era explosivo e tudo fazia para provocar. Com relação às pessoas das outras comunidades, por a gente ser de família numerosa, cinco irmãos, sempre andávamos juntos com os primos e o

peessoal pensava que era turma da pesada. Ai se mexia com um, mexia com todos. Não éramos bagunceiros só nos defendíamos. O pessoal dizia que a gente mexia com drogas. Meu irmão que serviu ao Exército era suspeito de traficar droga. A gente tinha bicicleta e gostava de andar com a bicicleta bonita. Meu irmão fazia parte da equipe de ciclismo da Houston, mas o pessoal pensava que a gente era “mala”².

Madiha quando foi questionada sobre como é ser da Cancela e do modo discriminatório como as pessoas do lugar são tratadas, relata:

Sim, o povo tem muito preconceito. Porque todo mundo diz, tudo quanto é de ruim é da Cancela, problemas, questão de usuário, tudo é daqui, não sei o porquê o povo se omite. Muitos moradores daqui quando o cobrador pergunta pra onde vai, eles respondem vou pra Santa Teresa. Acho que o pessoal não valoriza a própria comunidade. Se estar no ponto do ônibus e se alguém pergunta vai pra onde? respondem José de Freitas. Eu digo vou pra Cancela. As pessoas perguntam: onde fica? Eu respondo pertence a Santa Teresa, fica na estrada que vai para José de Freitas. Até porque sou catequista e tenho duas catequisandas que têm maior pavor de dizer que moram na Cancela. Acredito que esse pavor seja por conta da maioria do povo daqui é negro, porque não quer ser negro; acho que seja preconceito, vergonha. Vergonha de morar aqui, de estar morando perto de negro. Em si quando se fala Cancela o povo já fica assim... As vezes a gente não participava nem de Igreja por conta desse preconceito. Quando a gente chegava no canto da praça o povo já ficava... a gente se fechada. A Irmã Isabel ajudou muito a gente; ela dizia que não, não era assim... Primeiro tudo de ruim só era aqui da Cancela. No colégio a gente era mal visto discriminado não pelos professores, pelos alunos, eu sentia muito. Por conta da cor eu vejo um preconceito que tem muito questão falar dos cabelos, porque o negro tem cabelo pixaim, que nem o meu assim enroladinho. Até nas crianças já vi, infelizmente. Ah! Nega do cabelo ruim, do cabelo pixaim. Minha sobrinha de 10 anos um dia chegou da escola “fumaçando”, porque uma coleguinha estava com esse preconceito, chamando ela de nega.

4 Educação

Com o tema educação queríamos saber como essa dimensão é trabalhada pela família, qual orientação dada no tocante às relações etnicorraciais e também como a escola aborda tal temática. Acompanhem os relatos:

Bomani conta que

Conversava com meus pais sobre o que acontecia na Escola Santa Teresa. Eles me diziam: meu filho deixe isso de mão, isso aí um dia eles vão se arrepender de falar essa besteira aí. Era assim que meus pais falavam; e hoje, qualquer aluno de Santa Teresa fala comigo numa boa. Todos os dias meus pais diz: -“tem cuidado! E me diz para não ter discriminação com ninguém, pra não ficar rindo, por exemplo, se algum colega não tem um tênis. Amanhã, ninguém sabe. Na escola, os professores gostavam de mim porque eu não aceitava essas coisas. Aí o professor dizia que cor não é nada; que era pra respeitar o colega; que racismo é crime. Tinha alguns que se tocavam; os maiores ficavam rindo. Eu tinha um colega que era assim escuro e os meninos ficavam tirando sarro dele, chamando de africano; ele não gostava. Se alguém mexesse comigo, ele não gostava; e nem eu gostava se alguém mexesse com ele.

² “Mala” gíria usada para designar malandro, problema.

Elimu conta:

Fui orientado a não me importar com as discriminações; todavia, não aceitava provocações e, o fato de andar com os irmãos e primos, causava intimidação e, algumas vezes cheguei a revidar agressões por algum membro do grupo ter sido agredido. O pessoal não queria que a gente participasse das festas. Quando a gente chegava ficavam olhando assim para nós, como censurando nossa presença e a gente ia, queria participar. Se mexia com alguém da turma, podia saber que mexia com todos, aí a gente brigava. Estudei com um colega, cujo avô foi referência para mim. O avô incentivava o neto a estudar, mas ele não acolhia os conselhos; eu fui adotando as orientações do senhor Araújo, um enfermeiro aposentado. Busquei estudar e descobri que podia conquistar melhores condições através do estudo; adotei uma rotina de leitura e por isso, escutei muitas vezes por parte de pessoas da comunidade e de parentes que iria enlouquecer. Passava muitas horas estudando História, por exemplo, queria num dia conhecer toda história. Pelas orientações do senhor Araújo, vi a alternativa “concursos” como caminho e concorri a vagas no serviço público; hoje, sou membro do Corpo de Bombeiro do Piauí; passei no concurso para Agente de Saúde em primeiro lugar, mas não assumi. Sou estudante de Educação Física na Universidade Estadual do Piauí e faço planos para depois da graduação, conciliando minha futura condição de graduando em capoeira e especialista em rapel; pratiquei e pratico capoeira e o conhecimento sobre rapel, estou obtendo através da minha atuação como Bombeiro.

Madiha relata:

Fiz o primário na escola da localidade Caminho Novo, vizinha à Cancela, mas hoje esta escola já não existe. A maioria dos alunos era do Caminho Novo; da Cancela eram só alguns. Nas brincadeiras eu brincava só. Só tinha uma colega, mas se eles chamavam, ela ia e eu ficava só. Não sei nem dizer o que sentia; só sei que me isolava; posso dizer que era tristeza. Não comentava nada com a professora, nem em casa. Não recebi orientação com relação às questões raciais mesmo tendo esses episódios. Eu isolei e até esqueci. Na época eu era muito criança, nem pensava só queria saber de brincadeira; se um dia eles me discriminavam e, no outro dia, eles já brincavam aquilo lá já esquecia. Lá tinha uma árvore, que tem um tempo em que ela dar muita lagarta que come as folhas todas. Eles pegavam aquela lagarta e jogavam na gente e a gente só corria pra se defender. Só jogavam nas crianças daqui. Na escola não se falava sobre esses assuntos de racismo. A professora nunca presenciou essas situações, porque tudo isso acontecia antes dela chegar à escola e, na sala de aula, não acontecia. Minha professora foi muito boa mesmo! Hoje, até posso dizer que o estudo se deve aos pais, mas devo também a ela. Ela incentivava muito se um aluno faltava ela ia procurar saber o porquê. Ela veio muitas vezes aqui, só que eu nunca falei sobre isso. Ela conversava, mas não sobre essas coisas porque ela nem sabia. Ela dizia: qualquer que seja a situação, minha filha, volte! Ela fazia ditado e quem acertasse, ela premiava e quase sempre era eu quem ganhava. Os diziam: ela tá errada! Uma vez ela fez o ditado e a palavra era planejamento. Fui e escrevi certo. Os colegas ficaram dizendo: não, não tá certo! Ela tá errada! A professora dizia tá certo. Eu quase não queria receber o presente que era uma régua, lápis, lapiseira, um caderno pequeno, numa pasta e eu não queria ir receber. A professora insistiu: você vai receber porque você está certa. Aí, eles ficavam caçoando no caminho, coisa de menino de escola. Eu ficava quietinha, não falava nada; ficava só com o medo de apanhar. Era intimidada. Essas “implicâncias”, acredito, que a professora só pensava que era coisa de criança, porque criança briga toda

hora. Ela nunca chegou a perguntar por que você tá fazendo isso? É por que ela é negra? Ela nunca perguntou assim.

Na quarta série todo mundo reivindicou isso também, porque fui primeira aluna, com maior número de pontos somados e aí fui estudar na Escola Santa Teresa. Eles não aceitavam que eu tinha feito o maior número de pontos; eles queriam que fossem eles. Não precisei fazer teste nesta escola, já entrei direto. A professora, ela mesma que pegou minha transferência e mando; foi ela quem providenciou tudo pra mim. Minha mãe só lá buscar o boletim.

Em Santa Teresa, por conta dos professores era só elogio. Eu estudava muito mesmo, mas não ia pra educação física pelo preconceito que eu sentia e ficava calada. Essas coisinhas assim: ficavam olhando de cima a baixo, conversinha, quiqui, e isso me fechava, aí não fui mais. Ainda fui os primeiros dias, mas depois reprovei em educação física. A diretora me chamou e perguntou e eu contei tudo e ela me deu uma chance. Estudei muito fiz a prova, foi ela mesma que aplicou e eu respondi e foi só elogio. Dos professores isso não ocorria era dos alunos de pele mais clara, cabelo mais liso, mais longo. Na catequese a Irmã Izabel perguntava por que a gente sumia e aí a gente falava e ela dizia “deixe isso pra lá” e assim foi nos conscientizando. Incentivou a gente participar, mas ainda hoje a gente ouve.

II - REFLEXÕES

O pioneirismo do pai de dona Eshe foi eficiente, atraindo para o lugar outros parentes, assegurando para a família um lugar para fazer casa e criar seus filhos. O espaço físico torna-se elemento aglutinador e também de resistência, favorecendo a manutenção dos laços familiares e possibilidade para a formação e fortalecimento da identidade.

Entre as pessoas entrevistadas, Elimu, Bomani e Madiha ganham destaques pela trajetória de vitórias formais. Trilham a via do estudo como meio de conquista; também eles foram e são apontados pela comunidade como diferentes por adotarem tal caminho. Elimu foi chamado de louco ou que iria se tornar louco porque estudava. Bomani é apontado quando passa com o violão para a aula de música. Os colegas falam em tom de chacota: “diz que vai ser músico”. Suas vitórias no Taekwondo não foram valorizadas pelos parentes (tios), fato que o entristece, contou sua mãe. Entretanto, seus pais o incentivam a prosseguir seu caminho. Bomani, Elimu e Madiha nutrem um sentido de pertença à comunidade e esperam chegar o momento de ver os problemas comunitários resolvidos. Elimu e Madiha trabalharam para constituir o Conselho Comunitário e fazem parte da diretoria.

O ambiente de hostilidade como muitas vezes a escola se tornou para as alunas e alunos da Cancela e, por semelhança de situações vividas, para alunos de outras comunidades afrodescendentes se configura um lugar que, abandoná-lo constitui a primeira saída e, muito justificável, sobretudo pelo desgaste emocional que tais

situações provocam e, em se tratando de crianças adolescentes que estão em desenvolvimento, podem gerar traumas, prejuízos quanto à autoimagem, como podemos observar na citação abaixo:

A inação das xingadas revela um misto de medo, dor, impotência: diante dessas emoções imobilizadoras, não conseguem ou não sabem como se defender. Ante o ambiente que lhes é hostil, isolam-se, retiram-se do palco da disputa. Tentam passar despercebidas, abandonando o conflito. (CAVALLEIRO, 2000, p.54).

Estudos com mulheres afrodescendentes de sucesso (Boakari; Silva, 2011) mostram que o estudo pode ser uma via eficaz para se alcançar melhores condições de vida, de se ascender socialmente, mas não isenta a pessoa afrodescendente de racismo e discriminação, relativizando tais conquistas, ao mesmo tempo em que coloca em descoberto a democracia racial brasileira e revela a atuação do racismo no Brasil. O trecho tirado da obra de Cavalleiro (2000) é muito incisivo quanto ao silêncio da escola sobre a realidade social do racismo:

A escola tem-se mostrado omissa quanto ao dever de reconhecer positivamente a criança negra, no cotidiano, o que converge para o afastamento dela do quadro educacional.

Se o acesso à educação representa um direito de todos os cidadãos, é contraditório o espaço escolar não estar preparado para receber crianças negras, essencialmente em um país de maioria negra.

Da forma como se tem dado, o processo de socialização da nova geração constitui um obstáculo à mudança do quadro de racismo na sociedade brasileira. (idem, p. 101).

Mais recentemente, Madiha com a aprovação no concurso para Agente de Saúde é incluída entre aqueles e aquelas da comunidade que obtiveram êxito. Já tinha sido aprovada no concurso anterior, tendo alcançado o mesmo número de pontos da candidata efetivada, porque esta era mais velha. Chegou a questionar tal aprovação porque a outra candidata não era moradora da região, mas apresentou comprovante de residência. Por incentivo de uma amiga, Madiha fez novamente o concurso e, desta vez, com a renúncia do primeiro colocado, Elimu, foi efetivada pela Prefeitura de Teresina como Agente de Saúde da Comunidade Cancela. Fato ocorrido em decorrência da reunião sobre o Posto de Saúde de Santa Teresa, realizada no dia 02 de julho de 2011, em que foi denunciado por Salima e Lila a vacância da função por quase três meses.

Madiha considera uma grande vitória da comunidade porque é alguém filha do lugar e, particularmente, por vinte pessoas terem feito o mesmo concurso e os três primeiros colocados serem da localidade. Esse destaque é feito porque a Agente anterior era de outra localidade e não desempenhava o serviço satisfatoriamente.

Segundo Madiha, “o fato de pertencer à comunidade e ter o mesmo sangue favorece melhor atuação”.

Uma constância nos relatos é a orientação dada frente ao racismo/discriminação dirigidos às pessoas da Cancela. “Deixa isso pra lá” é uma tônica que aparece em todos os relatos. Elimu relatou ter, juntamente com seus irmãos e primos, reagido de forma violenta, luta de corpo, frente às agressões a eles dirigidas. Madiha diz que reagiu de forma violenta e relaciona sua reação como “forma de ser gente, devolvendo o que vinha”.

Esta fala de Madiha faz retomar a discussão de Fanon (1979) e Memmi (1977) quando trabalham a colonização/descolonização e enfatizam a violência do colonizado frente ao colonizador como proporcional à violência recebida. Entretanto, apenas a reação é considerada violenta pelo colonialismo. Nossa colaboradora diz que reagir da maneira da ação é a forma de ser gente. Este trocadilho faz refletir no modelo eurocêntrico de ser. A violência, o desrespeito como básicos. Entretanto, outros modos são possíveis de ser. A alteridade, a circularidade sinalizam maneiras possíveis de se estabelecer relações, em que o respeito ao diferente e à diversidade seja a constância, a exemplo da educação interétnica, pedagogia da diferença, constituindo-se em alternativas para a escola desempenhar sua função social de formação das cidadãs e dos cidadãos brasileiros de forma inclusiva da população negra como participante da construção do Brasil e da nação brasileira.

III - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos das pessoas entrevistadas mostram quanto o ambiente escolar pode ser hostil para os afrodescendentes, em virtude da discriminação racial. Entretanto, apesar dos recorrentes episódios relatados, nossos entrevistados conseguiram obter êxito nos estudos e estão prosseguindo em suas trajetórias.

As conquistas pessoais de três pessoas entrevistadas não podem ser generalizadas para se afirmar igualdade de oportunidades; também não podem ser usadas para culpar outras moradoras e moradores do lugar como incapazes de alcançar êxito na escola. Nos seus relatos, as pessoas que obtiveram sucessos narram episódios de discriminação que vivenciaram e vivenciam, expondo a realidade brasileira. Mais uma vez constatamos que as conquistas, sucessos no mundo acadêmico ou no campo

profissional não isentam o afrodescendente de situações de discriminação. (BOAKARI; SILVA, 2011; SILVA, 2011).

Reclamamos a presença e atuação da escola para a superação dos silêncios em torno das questões raciais, lançando luz sobre esse assunto tabu. Podemos aprender com as propostas específicas que vêm sendo discutidas e aplicadas: Pedagogia da Diferença e a Pedagogia Interétnica, que têm entre seus referenciais teóricos a pedagogia de Paulo Freire. Eis, portanto, nossas sugestões para a escola brasileira assumir no seu cotidiano a realidade das questões raciais, acolhendo as diversidades que são próprias da nação brasileira, superando a história única, abarcando as contribuições de todas as culturas dos que chegam para se formarem como brasileiros e como brasileiras.

REFERÊNCIAS

BOAKARI, F. M.; SILVA, E. D. Sucesso da mulher afrodescendente. **Jornal O Dia**, Teresina - PI, p. 6, 08 mar. 2011.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Tradutor: José Laurênio de Melo. 2ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1979.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais**: análise das condições de vida da população brasileira, 2010. Disponível site <www.ibge.gov.br>. Acessado em 22/11/2011.

LIMA, Ivan Costa. **As propostas pedagógicas do movimento negro no Brasil**: Pedagogia Interétnica uma ação de combate ao racismo. Disponível em <<http://www.smec.salvador.ba.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-diversidade/RELA%C3%95ES%20%C3%89TNICAS/WEBARTIGOS/>>. Acessado em 20/04/2012.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 2.ed. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1977.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Pedagogia da diferença**: a tradição oral africana como subsídio para a prática pedagógica brasileira. Belo Horizonte: Nandyala, 2009 (Coleção Repensando África, v. 2)